

## Tradição clássica no Brasil contemporâneo. Abordagens a partir da epigrafia grega

Gilberto da Silva Francisco<sup>1</sup>

FRANCISCO, G. S. Tradição clássica no Brasil contemporâneo. Abordagens a partir da epigrafia grega. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 133-141, 2009.

**Resumo:** Esse texto tem como objetivo apresentar alguns dados sobre a presença de elementos da Antiguidade clássica nas sociedades ocidentais contemporâneas, a partir da observação das possíveis ligações estruturais entre a língua portuguesa e a composição do sistema alfabético entre os gregos na Antiguidade. Dessa forma, apoiando-se na discussão bastante tradicional sobre a epigrafia grega, buscar-se-á compreender alguns exemplos da permanência de estruturas criadas, ou organizadas, nas sociedades gregas da Antiguidade, ao longo da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Epigrafia grega – Arqueologia clássica – Longa duração – Alfabeto grego – Alfabeto latino

Além da temática específica anunciada no título, será caracterizada paralelamente uma avaliação das possíveis contribuições dos chamados “estudos clássicos” na compreensão da nossa experiência no tempo atual. Trata-se, nesse sentido, de caracterizar diálogos entre passado e presente, entre a experiência constatada na Antiguidade e a nossa própria.

Entretanto, antes, vale lembrar que os Estudos Clássicos, e conseqüentemente, o classicista são frequentemente caracterizados como exóticos (verdadeiros peixes fora d’água) quando se trata da pesquisa acadêmica em território brasileiro. Essa caracterização segue em parte uma tradição antiga que remonta discurso engajado na “construção” do país. Um exemplo disso é um editorial da *Folha da Manhã* (atual *Folha de S. Paulo*), em 23 de abril de 1941:

“O Brasil não precisa de latinistas e helenistas para nada. Precisa, isso sim, de juristas que foram os construtores do Estado brasileiro, mas também de sociólogos e economistas que fundem nossas ciências

econômicas e sociais; de historiadores e geógrafos que estudem a Nação e o País no tempo e no espaço: de naturalistas que descubram a terra e o clima, a fauna e a flora; de higienistas para melhora do homem e de engenheiros para o domínio da natureza; de agrônomos e zootecnistas; de químicos e mecânicos. Não vamos ressuscitar Roma e Atenas. Vamos, patrioticamente e eficientemente construir o Brasil.”<sup>1</sup>

Entretanto, essa visão exclusivista contrasta com a perspectiva da variedade. Vale dizer que quando a diversidade foi tratada no que se refere à compreensão da composição da população brasileira, a experiência clássica também foi indicada de forma positiva. Foi assim, por exemplo,

(1) Tal posição, aparentemente cunhada no esteio do modernismo brasileiro, já tinha raízes fortes, e eram expressas desde a abordagem romântica da história e literatura brasileira, conforme indica, por exemplo, a crítica de José de Alencar ao poema de Gonçalves de Magalhães, “A Confederação dos Tamoios”: “A forma com que Homero cantou os gregos não serve para cantar os índios; o verso que disse as desgraças de Troia e os combates mitológicos não pode exprimir as tristes endeixas do Guanabara, e as tradições selvagens da América” (Alencar, 1953).

(\*) Doutorando do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, e-mail: gisifran@yahoo.com.br

que João Ubaldo Ribeiro indicou, comentado o seu “Viva o povo brasileiro”, que uma das principais fontes de inspiração foi a *Iliada* de Homero;<sup>2</sup> e também Darcy Ribeiro, no seu “Povo brasileiro”, em suas considerações finais caracteriza o Brasil como uma “Roma tropical” (Ribeiro 2006: 242, 411).<sup>3</sup> Assim, nos dois casos, na caracterização do povo brasileiro recorreu-se também a formas da Antiguidade como referência.<sup>4</sup>

O objetivo aqui é diferente: a partir da discussão específica no ramo da epigrafia grega, observar alguns pontos de comunicação entre passado e presente.

A temática das permanências de elementos da Antiguidade clássica na contemporaneidade é assunto bastante recorrente. Geralmente, situa-se entre proposições mais amplas, generalistas, como

(2) Em entrevistas, comentando a composição de “Viva o povo brasileiro”, João Ubaldo Ribeiro indica essa referência à Homero, conforme nota Antonio Risério: “Em Viva o Povo Brasileiro, ele recria a Guerra do Paraguai nos termos de uma *Iliada* Negra. Sua referência de base é o texto homérico, mas ele substituiu os olímpicos pelos orixás e os epítetos gregos por fórmulas que vêm diretamente dos orixás: “Ogum-ê, ferreiro sem par, senhor da ferramenta, cujo nome é a própria guerra”, por exemplo” (Risério, s/d).

(3) Darcy Ribeiro comenta tal caracterização: “Meu livro mostra por que caminhos e como nós viemos, criando aquilo que eu chamo de Nova Roma. Roma com boa justificação... Roma por quê? A grande presença no futuro da humanidade, dos neolatinos é a nossa presença. Isso é o Brasil, uma Roma melhor porque mestiça, lavada em sangue negro, em sangue índio, sofrida e tropical. Com as vantagens imensas de um mundo enorme que não tem inverno e onde tudo é verde e lindo, e a vida é muito mais bela... E é uma gente que acompanha esse ambiente com uma alegria de viver que não se vê em outra parte. Esse país tropical, mestiço, orgulhoso de sua mestiçagem...”

Fonte: <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/povobrasileiro/index.htm> (consultado em 05/2006)

(4) Mesmo em narrativas amplamente citadas como autenticamente nacionais (ou brasileiras) os diálogos com a referência clássica pode ser notado. Por exemplo, algo da narrativa de Guimarães Rosa (“ledor de Homero”) já vem sendo observado sob essa perspectiva (ver Costa, 1997/1998). Vale ainda citar as explícitas referências de Monteiro Lobato que, na composição das histórias do Sítio do Pica-pau-amarelo, dentre a apresentação de inúmeros tipos bem brasileiros e representantes do folclore nacional, dedicou um volume inteiro para a o mito de *O Minotauro* (onde ele estabelece alguns parâmetros da importância de elementos da Antiguidade grega, não apenas no campo do mito e da literatura) e outros dois volumes para *Os doze trabalhos de Hércules* (ver Lobato, 1944 e 1956).

a ideia de origem, herança e similares; bem como discussões mais específicas, por exemplo, o conteúdo das palavras à disposição no vocabulário das línguas modernas, sobre os quais, a partir de estudos etimológicos remonta-se, em inúmeros casos o latim, e o grego menos frequentemente, dadas as óbvias relações entre a língua portuguesa e aquelas.

Há ainda duas balizas que organizam as possibilidades de observação dessa dinâmica interativa entre presente e passado: trata-se da perspectiva da longa e da breve duração do tempo. Ou seja, há elementos estruturalmente presentes, geralmente invisíveis, imperceptíveis, remetendo à experiência das sociedades antigas chamadas de clássicas; e existem também dinâmicas próprias da ação política e ideológica, geralmente conscientes, como a própria fundamentação artificial de uma origem da contemporaneidade ocidental na experiência grega e romana na Antiguidade.

O objetivo aqui é apresentar como alguns elementos de dimensão estrutural no que se refere à experiência que temos com a língua, em aspectos variados, remetem à própria experiência na montagem e no uso do sistema de escrita alfabético na Antiguidade. Entretanto, antes, alguns esclarecimentos são necessários.

Será priorizada aqui a experiência grega, mas isso não significa dizer que houvesse uma comunidade homogênea, e que sua experiência com este sistema de escrita fosse única. Sabe-se, a partir das fontes epigráficas, que o que chamamos de alfabeto grego variava de região para região, no que se refere ao estilo de escrita, e, nesse mesmo contexto, havia importantes distinções dialetais.<sup>5</sup> Assim, a referência aqui reside mais num conjunto de similaridades que na identificação de uma unidade absoluta.

Ainda, é importante dizer, que apesar de serem privilegiados aqui os paralelos entre a nossa experiência da língua e a grega antiga (sobretudo no tocante às disposições materiais do sistema de escrita); muitos dos exemplos aqui apresentados têm validade bem mais ampla, quase coincidente aos contornos do que chamamos de “mundo ocidental”.

Por fim, cabe dizer, não se trata de ratificar ideias de um exacerbado “invençionismo” grego; assim, apesar de quase ausentes nessa apresentação, as dinâmicas interativas entre gregos, orientais

(5) Para as variadas disposições materiais da escrita e da formulação dialetal na Grécia do período arcaico, ver Jeffery, 1990.

e romanos são definidoras na organização de estruturas da língua aqui apresentadas.

A primeira linha de observação trata da permanência de elementos do próprio alfabeto grego na nossa contemporaneidade.

Transitar pela cidade de São Paulo, por exemplo, seja no chamado “centro velho” ou o “novo”, indica que, na diversidade de informações visuais que se organizam no espaço, há exemplos da presença de caracteres da escrita grega em espaços bem delimitados: igrejas e cemitérios são bons guardiões desses elementos, e se pode ver, por exemplo, o monograma cristão “chi” e “rho” (o acrônimo com as iniciais da palavra “Christos” ou seja, o unguido), ou as letras “mi”, “rho”, “teta” e “ypsilon” referindo-se ao enunciado “Meter Theou” (Mãe de Deus); que são apenas alguns dos caracteres gregos à disposição nesse contexto (ver fig. 1.).

Esses elementos, a pesar de comporem a experiência visual dos que circulam pela cidade, na grande maioria das vezes não são compreendidos no sentido original. Um exemplo disso é que o próprio monograma cristão “chi-rho” mesmo entre cristãos pode ser identificado como “xis-pê”<sup>6</sup>. Isso, mesmo que a composição do nosso sistema de escrita seja coincidente em cerca de 54 % ao alfabeto grego, no que se refere à formulação material das letras (ver fig. 2).

Outro exemplo que esclarece amplamente essa questão é a divulgação do filme “Casamento grego”, que, tanto em língua inglesa como portuguesa optou por apresentar na divulgação um toque “étnico”. Assim, dadas as dificuldades de substituição entre letras do alfabeto latino e o grego, substitui-se a letra “e” das palavras “greek” e “grego” pela letra grega “sigma”, que, apesar de certa semelhança visual com a letra “e”, tem valor fonético completamente diferente; ou seja, equivalente ao nosso “esse” (ver fig. 3).

Isso acaba por mostrar que a presença de alguns caracteres do alfabeto grego compõe a nossa experiência contemporânea; mas de forma limitada no que se refere à sua compreensão original.

(6) É interessante observar uma situação similar nos países de língua inglesa, onde o termo *Christmas* (“festa de Cristo” - Natal) sofre essa mesma transformação. A sua abreviação *X-mas* ou *Xmas*, que se tratava originalmente da junção da letra grega “chi” (*X*, inicial da palavra *Christos*) mais o radical *-mas*, que indica o festejo, é pronunciado atualmente a partir da junção entre a letra “X” em inglês (*eks*), mais a partícula – *mass*: *eksmas*.

Ora, retomando o monograma cristão (o “chi-rho”), e os limites impostos à compreensão de seu sentido original (ou seja, que essas letras indicam as iniciais da palavra grega “Christos”), pode-se ver, por outro lado, que o tal “xis-pê” (como ele é chamado) é identificado como um símbolo cristão, e essa identificação passa por um processo de abstração do próprio monograma ao longo dos séculos. Assim, ele deixou de ser apenas letras iniciais de um nome e passou a ser algo que remete ao cristianismo, traço que a interpretação absolutamente comum pode reconhecer.<sup>7</sup>

De outra forma, concentrando-nos na própria experiência do uso do alfabeto latino, o que utilizamos, é possível visualizar que a compreensão que temos, ainda hoje, do sistema de escrita alfabética remete a sua organização na Antiguidade; e o ensino do alfabeto na formação básica infantil mostra isso; por exemplo, nas mais variadas cartilhas (ver fig. 4).

É importante saber que as atuais tendências pedagógicas afastam-se do modo de cartilha e procuram modos mais dinâmicos de letramento; entretanto, desde os movimentos de organização das primeiras gramáticas modernas europeias na renascença, e mesmo nas mais antigas cartilhas destinadas ao ensino das massas, datadas do século XIX, a desarticulação do sistema de escrita alfabético em dois subsistemas (o de vogais e o de consoantes) é observável. Têm-se, nesse sentido, uma divisão baseada no valor fonético. Aprende-se, então, o a-e-i-o-u, e depois parte-se para as possíveis articulações entre essas vogais e as consoantes.<sup>8</sup>

#### ALFABETO:

A B C D E F G H I J K L M N O  
P Q R S T U V X Y W Z

(7) O arranjo do monograma “chi-rho” (frequentemente associado às letras gregas “alfa” e “ômega” – ver fig. 1 –, e, em vários casos, ao “esse” latino – inicial da palavra *salvator*) no período “medieval”, por exemplo, pautou-se por um grande apelo visual na composição da ornamentação de igrejas cristãs em vários pontos da Europa.

(8) Não se pode deixar de notar, é claro, que a aprendizagem do registro escrito é paralelo ao do valor fonético. Nas duas lições da cartilha apresentada (ver fig. 4), as vogais são apresentadas com o acento agudo, indicando a tonicidade na pronúncia, que também pode ser átona (ã, ê, ô); e mesmo a lição da consoante “gê”, e sua articulação no sistema consoante-vogal, indica essa preocupação fonética (g=j antes de e e i).

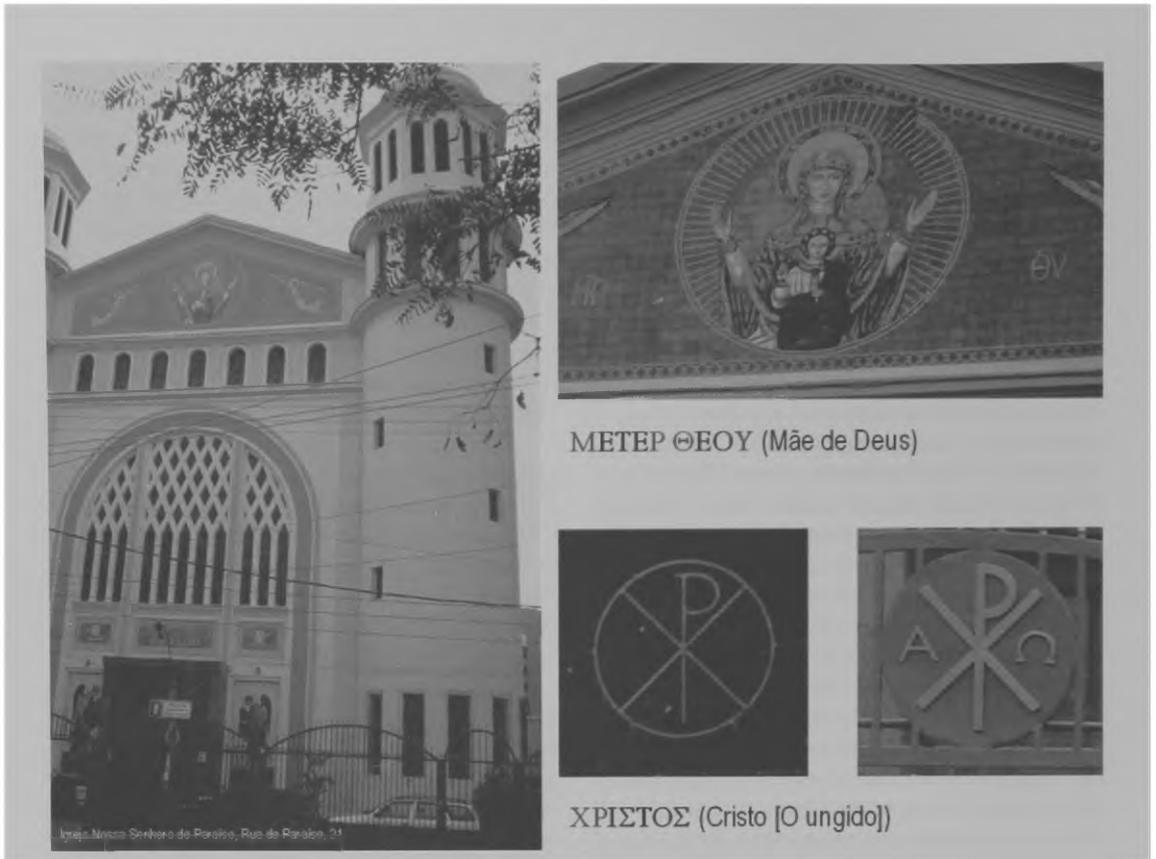


Fig. 1. Vista geral da fachada e detalhes da igreja Nossa Senhora do Paraíso, Rua do Paraíso, 21 – São Paulo.

α	β	γ	δ	ε	ζ	η	θ	ι	κ	λ	μ	ν	ξ	ο	π	ρ	σ	ς	τ	υ	φ	χ	ψ	ω
Α	Β	Γ	Δ	Ε	Ζ	Η	Θ	Ι	Κ	Λ	Μ	Ν	Ξ	Ο	Π	Ρ	Σ	Τ	Υ	Φ	Χ	Ψ	Ω	
↓	↓			↓	↓	↘		↓	↓		↓	↓		↓		↘		↓	↘		↘			
A	B			E	Z	H		I	K		M	N		O		P		T	Y		X		W	
a	b			e	z	h		i	k		m	n		o		p		t	y		x		w	
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	R	S	T	U	V	X	Y	W	Z

Fig. 2. Permanências formais do grego antigo ao português atual. (similaridade fonética e formal [i]; similaridade apenas formal, desvio fonético [m]). (14 permanências materiais observadas entre o grego antigo e o alfabeto contemporâneo [26 signos, incluindo o y e w] permanência material de aproximadamente 54%).



Fig. 3. Cartazes de divulgação (em inglês e português) do filme *Casamento grego*.  
 GREEK → GREEK / GREGO → GREGO



Fig. 4. Lições de cartilha de alfabetização infantil (*Cartilha escolar. Ler escrever e contar* de Domingos Cerqueira).

**Sistema de vogais:**

A E I O U (Y)

**Sistema de consoantes:**

B C D F G H J K L M N P Q R S  
T V X W Z

A hipótese aqui formulada indica que essa desarticulação explica-se, sobretudo, na compreensão da organização do sistema alfabético pelos gregos na Antiguidade. Observemos então, como a epigrafia grega trata dessa questão.

Postula-se comumente que o alfabeto grego teria sido criado a partir de certas adaptações a partir do alfabeto fenício. O sistema de escrita fenício, como os de outras línguas semíticas próximas, caracteriza-se pela estrutura absolutamente consonantal, não havendo vogais.

Assim, seguindo o postulado acima, as vogais inseridas no alfabeto grego teriam sido uma simples modificação do alfabeto fenício, a partir de uma interpretação “equivocada” dessa língua; ou seja, os fonemas guturais e velares, responsáveis pela articulação das consoantes no alfabeto fenício (sons que não são registrados no sistema fenício), tornaram-se iam no alfabeto grego vogais.<sup>9</sup> Entretanto, o debate da Epigrafia grega indica um caminho mais interessante para essa situação.

Sabe-se que antes de ter havido a criação do alfabeto grego na região da Grécia, ali mesmo houve três sistemas de escrita. Dois deles com certeza silabários: trata-se da Linear A e Linear B.<sup>10</sup> A Linear A, de uso amplo na região de Creta, teria sido emprestada pelos cipriotas, e desenvolveu-se no Chipre um sistema silabário similar, que sobreviveu ao desaparecimento do

(9) Essa interpretação é comum no campo dos estudos linguísticos. É importante saber, nesse sentido, que essa disciplina tem como referência básica a língua falada, e o registro escrito é mais um apoio, que uma referência central (ver Castro, 1991, p. 173-4). O fundador da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, apresenta tal distinção, situando a escrita como “representação da língua” e caracterizando-a de forma relativamente negativa frente a fala (ver Saussure, 2006, p. 33-41).

(10) Ambos os sistemas não eram absolutamente silabários. No conjunto de caracteres utilizados havia a presença de ideogramas, como pequenas figuras de vasos e outros objetos. Como se trata de sistemas mistos, é possível encontrar, no mesmo registro, o ideograma e a formulação silabária coincidente a ele. Para uma apresentação inicial desses sistemas, ver Chaldwick, 1990 e Treuil, 1998/1999.

Linear A e do Linear B. Assim, na época em que os gregos circulavam amplamente na região de Al Mina (no Oriente Próximo) e também do Chipre, eles tiveram contato com dois sistemas de escrita diferentes: um consonantal (o alfabeto fenício) e um silabário (o cipriota) – ver fig. 5 e 6. Dessa experiência dupla de escrita, e de sua articulação, então, teria nascido o alfabeto grego. Nesse sentido, a presença das vogais, inexistentes no registro escrito do fenício, explicar-se-ia por essa presença já comum no sistema silabário cipriota, a que os gregos da época tinham acesso (como exemplo, ver fig. 7).

O sistema alfabético de escrita sofreu várias modificações ao longo do tempo. A mais significativa é a sua reorganização no período helenístico e bizantino. Além disso, apesar de o alfabeto grego ter contribuído amplamente para a constituição do sistema de escrita utilizado pelos romanos (o alfabeto latino), houve nesse contexto uma série de adaptações próprias. O próprio sistema de escrita latino mudou bastante ao longo do tempo.

Entretanto, mesmo nesse ambiente de amplas modificações aquela estrutura básica da composição do sistema alfabético (a distinção entre vogais e consoantes no registro escrito), elemento característico da composição do sistema pelos gregos, manteve-se e persistiu até os nossos dias; e, impõe certas formas de compreender tal sistema.

Não se trata necessariamente de localizar na experiência grega a origem, mas de entender que a nossa prática de escrita remete àquela prática, e estabelecer tais paralelos parece contribuir para o entendimento da dimensão dessas práticas repetitivas, impensadas, mas essenciais na nossa contemporaneidade.

Reconhecer tais contornos interativos entre práticas extremamente comuns na nossa experiência cotidiana e outras, de um passado de quase 3 mil anos atrás, coloca uma série de questões interessantes. Entretanto, tal observação só se fez possível observando a dinâmica da língua (a partir do sistema de escrita) na Antiguidade. Ou seja, numa pesquisa específica sobre a experiência grega.

Traçar as linhas entre passado e presente parece impor ao pesquisador um interesse amplo. Assim, tanto no seu objeto de pesquisa, e como ele próprio poderá fornecer dados para compreender sua própria experiência.

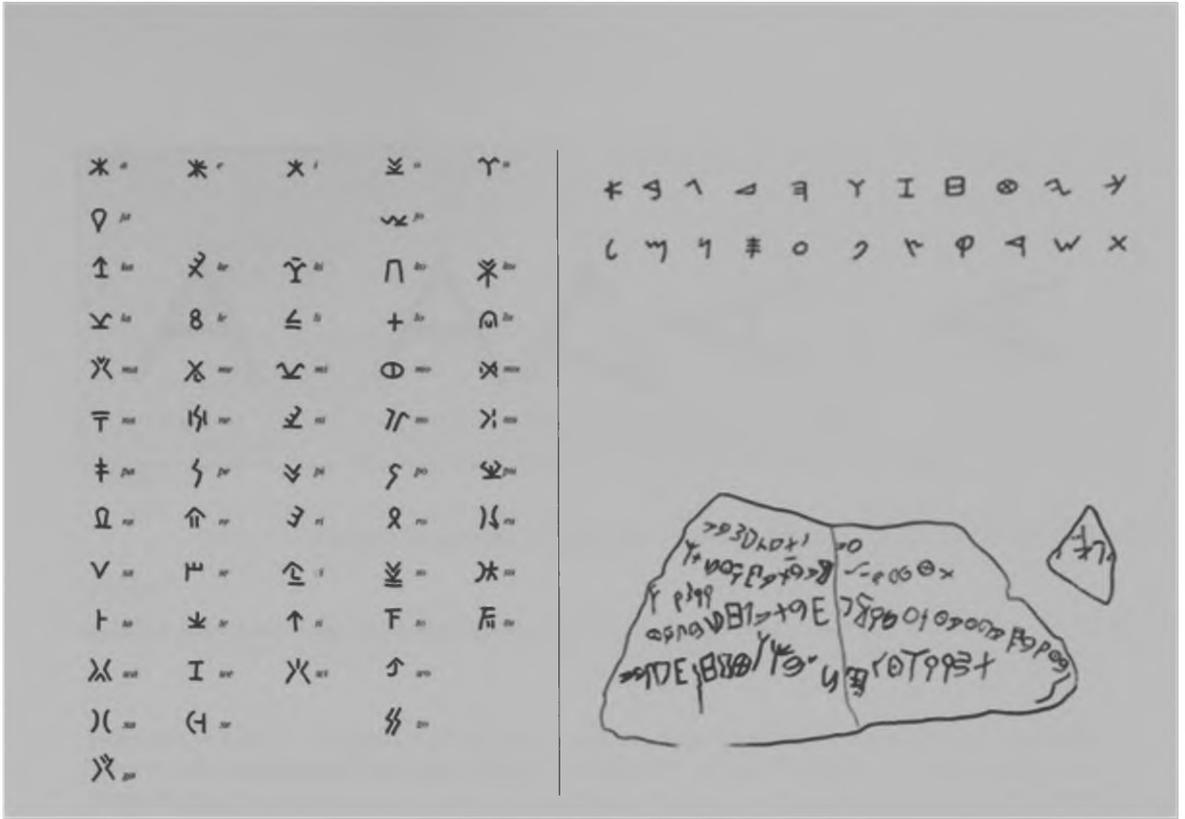


Fig. 5. a. (à esquerda) O silabário cipriota; b. (à direita, acima) Alfabeto consonantal fenício; c. (à direita, abaixo) Inscrição de 'Izbet Sartah, c. séc. XI a.C.; d. Inscrição sobre fragmento de cerâmica, Pithecussa.



Fig. 6. Mapa da região da Grécia e Oriente Próximo.

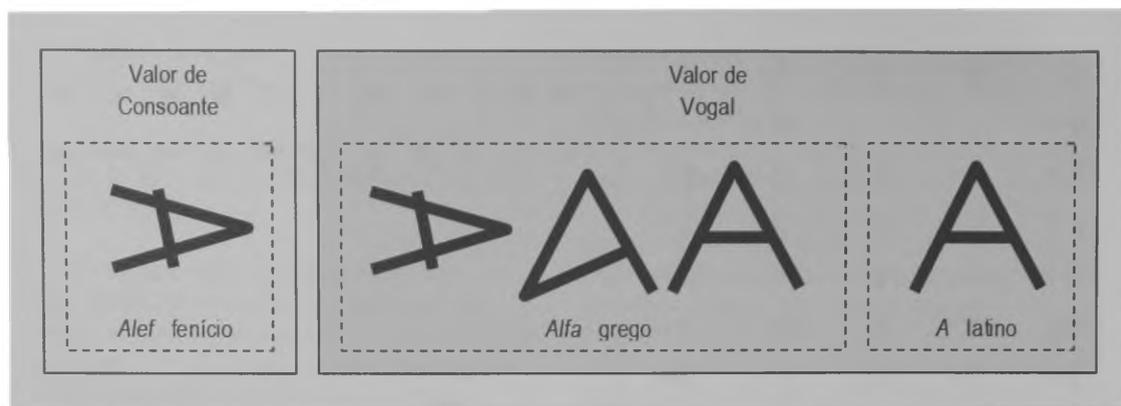


Fig. 7. Esquema formal e de valor fonético entre o alef fenício, o alfa grego e o a latino.

FRANCISCO, G. S. Classical tradition in contemporary Brazil: greek epigraphy approaches. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 133-141, 2009.

**Abstract:** This paper aims to present some points on the presence of elements of Classical Antiquity in contemporary western societies from the observation of possible structural links between the Portuguese language (its writing system, more precisely) and the composition of the Greek alphabetical system in Classical Antiquity. Basing on the very traditional discussion about Greek epigraphy, the comprehension of some examples of the created r organized ongoing structures in Ancient Greek societies will be sought through the Contemporary world.

**Keywords:** Past and present - Greek epigraphy - Classical archaeology - Long duration - Greek alphabet - Latin alphabet - Portuguese language

### Referências bibliográficas

- ALENCAR, J. de.  
1953 Cartas sobre a Confederação dos Tamoios. In: CASTELO, J. A. *A Polêmica sobre a Confederação dos Tamoios*. São Paulo: Edusp.
- CASTRO, I.  
1991 *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CHADWICK, J.  
1990 *The decipherment of linear B*. Cambridge University Press, Cambridge.
- COSTA, A. L. M.  
1997 Rosa, leitor de Homero. *Revista USP*,  
1998 (Dossiê 30 anos sem Guimarães Rosa), São Paulo, 36.
- FINLEY, M. I.  
1988 *Democracia antiga e moderna*. Rio de Janeiro: Graal.
- FRANCISCO, G. da S.  
2007 *Grafismos gregos. Escrita e figuração na cerâmica ática do período arcaico (século VII-VI a.C.)*. Dissertação de mestrado apresentada no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- HAVELOCK, E. A.  
1996 *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. Trad.: Ordep José Trindade Serra. São Paulo, Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual Paulista, Paz e Terra.
- HOOKER, J. T. (org.).  
1996  *lendo o passado: a história da escrita antiga do cuneiforme ao alfabeto*. EDUSP, Melhoramentos, São Paulo.

JEFFERY, L. H.

- 1990 *The local scripts of archaic Greece. A study of the origin of greek alphabet and its development from the eighth to the fifth centuries B.C.* Clarendon Press, Oxford.

LOBATO, J. B. M.

- 1944 *O Minotauro: maravilhosas aventuras dos netos de dona Benta na Grécia antiga.* 3ª ed., Brasiliense, São Paulo.
- 1956 *Os doze trabalhos de Hércules.* Brasiliense, São Paulo.

RIBEIRO, D.

- 2006 *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil.* 2ª ed. (reimpressão), Companhia das Letras, São Paulo.

RIBEIRO, J. U.

- 1984 *Viva o povo brasileiro.* Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

RISÉRIO, A.

- Dicotomia racial e riqueza cromática.* Site do Ministério da Cultura, consultado em 06/08/2007: <http://www2.cultura.gov.br/scripts/artigos.idc?codigo=387>

SARIAN, H.

- 1998 *A escrita alfabética grega: uma invenção da polis? A contribuição da arqueologia.* In: *Clássica*, São Paulo, 11/12 (11/12): 159-177.

SAUSSURE, F. de.

- 2006 *Curso de linguística geral:* Cultrix, São Paulo.

TREUIL, R.

- 1998 *L´apparition de l´écriture dans le monde égéen à l´Age du Bronze.* In *Classica*, Belo Horizonte, 11/12.

Recebido para publicação em setembro de 2007.